

XIII Jornada Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISC

Políticas públicas educacionais: o que esperar para o pós-pandemia?



SER DOCENTE NO ENSINO HÍBRIDO: DESAFIOS DA ATUALIDADE

Kelly Cristina Rodrigues Gularte da Silva
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Eixo 2 – Educação, Cultura e Produção de Sujeitos

INTRODUÇÃO

O presente resumo expandido é fruto de reflexões realizadas em disciplina do Mestrado Profissional em Educação do PPGED-MP/UERGS, frente à atual prática docente da pesquisadora, neste momento de pandemia de COVID-19. Neste sentido, tem-se por objetivo apresentar e refletir sobre como estão se sentindo os/as docentes de três escolas, de duas redes municipais de ensino do Rio Grande do Sul (RS), que enfrentam o desafio do ensino híbrido, para estarem em contato com estudantes da Educação Básica no ano de 2021. Para tanto, de posse do conceito de ensino híbrido de Horn e Staker (2015) que propõem um sistema de aprendizagem centrado no estudante, onde no ensino *online*, o discente aprende em diferentes momentos e lugares e ainda Silva (2020) que manifesta que o professor deste modelo híbrido assume um papel de mediador e ativo, com olhar crítico sobre a sua prática. Este estudo, utiliza a pesquisa qualitativa, envolvendo breve análise dos dizeres destes/as docentes, diante de uma pergunta norteadora. Adiciona-se como embasamento teórico, ponderações de Hall (2006), Laffin (2012), Sibilía (2012), Tardif e Raymond (2000), entre outros. Como principais resultados, se percebe um mal-estar docente, precarização da docência, onde a maioria dos professores e professoras da Educação Básica está insegura, diante do ensino presencial/híbrido aplicado nos contextos educacionais observados, pois suas respostas produzem paráfrases que se repetem neste dizer. E a outra parte do corpo docente manifesta estar feliz e esperançosa com a presencialidade escolar.

MÉTODO

Trata-se de pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, na perspectiva teórico-analítica da Análise de Discurso, encabeçada por Michel Pêcheux, analisando alguns dos sentidos produzidos pelo corpo docente das três escolas observadas, ou seja, trabalha-se “com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores, e das atitudes” (MINAYO, 2008, p. 21). Os dados foram coletados em julho de 2021, via *Google Forms*, onde o *link* do formulário foi enviado aos três grupos de WhatsApp, das três escolas municipais participantes deste levantamento. Nestas condições de produção discursiva, foi solicitado que os/as respondentes digitassem apenas 1(uma) palavra como resposta ao seguinte questionamento: *Como você se sente neste momento de retorno presencial das aulas/ensino híbrido?*

Nas proposições de Orlandi (2005) e Pêcheux (2008) é importante refletir como o processo de funcionamento discursivo se constitui, tanto em sua estrutura quanto em seu funcionamento, ou seja, aquilo que é dito pelo sujeito. Este movimento envolve a escolha de suas palavras e repetições, que demarcam o acontecimento novo, podendo representar paráfrases, ocultações, entre outros sentidos possíveis, produzidas por interlocutores, pois podem reforçar sentidos, que são retomados, reafirmados. Nesse aspecto, a AD passa a ser uma disciplina de interpretação, cujo objeto é o discurso.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Em seus dizeres, quando o corpo docente de cinquenta e sete participantes, foi questionado sobre como se sentem no retorno presencial/ensino híbrido, assim se manifestou referente ao questionamento, conforme quadro de respostas e quantidades de respondentes abaixo:

Quadro 1 – Dizeres de professoras e professores

Respostas	Quantidades	Respostas	Quantidades
Insegura(o)	16	Feliz	04
Medo	04	Esperançosa	03
Apreensiva(o)	04	Desafiada	03
Desconfortável	03	Confiante	02
Cansada	02	Otimista	01
Cautelosa	02	Ótima	01
Ansiosa, atônita, desamparada, estressado, exausta, hiperatarefado, inquieta,	01 cada		

insatisfeita, perdida, preocupado, sobrecarregado, tensa			
Subtotal:	43	Subtotal:	14

Fonte: Autora (2021).

A resposta que possui maior número de respondentes, com dezesseis professores(as), informou que se sente insegura em relação ao retorno das aulas presenciais/ensino híbrido. Caracterizando este modelo de ensino, à realidade prática deste contexto, no qual o ensino híbrido significa ministrar aulas presenciais, para estudantes cujas famílias optaram por retornarem ao ambiente escolar, aulas *online* via *Google Meet* e postar atividade em plataforma educacional, para estudantes que permanecem em casa, e ainda, elaborar material para discentes que não possuem acesso à tecnologia e retiram atividades impressas nas escolas. Diante desta definição de ensino, é possível, talvez, inferir o motivo pelo qual quarenta e três docentes digitaram respostas negativas em relação à atualidade educacional a que estão expostos, tais como: medo, apreensão, desconforto, cansaço, cautela, desamparo, e outros sinônimos da atual condição docente observada.

Em contraponto, há catorze docentes, que manifestam estarem felizes, esperançosas, desafiadas e otimistas em relação ao retorno presencial/ensino híbrido. A presencialidade na escola traz vida, pois utilizar apenas aparelhos tecnológicos para exercer a docência é algo que nunca foi utilizado, e os/as docentes tiveram que se reinventar para esta demanda da atualidade. Pensar a escola no momento atual é bastante diferente, se for possível estabelecer uma comparação frente à normalidade de qualquer ano anterior a 2020. Refletir sobre a (não)presencialidade escolar, onde uma diversidade de ideologias converge, remete ao pensamento que dialoga com o texto *Para que serve a escola* de Sibilia (2012), onde se pode pensar sobre que função a escola tem, pois segundo a autora, nos encontramos em uma encruzilhada.

Diante de tantas reuniões e formações *online*, que docentes parecem estar em um “transe” (TIBURI, 2019, p. 227) regado a Rivotril, onde os corpos apenas vão se moldando às situações que lhes são apresentadas, a pergunta que vem à tona, é que a instituição burocrática escolar apenas veste outras roupas para discutir o mesmo instrumento, como LDB, DCN, BNCC. Enfim, o que se enfatiza é que não são mudanças de como esta indústria age, e sim uma repetição de discursos anteriores que são presentificados com outras palavras.

Logo, há um corpo docente neste séc. XXI, que age, atua neste espaço em diversos ângulos, pois nas diferentes realidades educacionais que os mesmos transitam, muitas vezes, se observa que exercer o silêncio, tem sido a palavra da vez, e ao responder o questionamento, estes/as profissionais puderam ser ouvidos(as). Silêncio, que para Orlandi (2007, p. 14) “atravessa as palavras, que existem entre elas ou que indica que o sentido pode ser outro, ou que ainda que aquilo, que é mais importante, nunca se diz”, se entende que o silenciar é um ato de fala, é um posicionamento, não é neutro, porém, outra inquietação que se apresenta, é que se os/as profissionais estão em espaços de reflexão, discussão, problematização, mudança, empatia, amor e solidariedade, por que ficar em silêncio e não se manifestar?

Sibilia (2012, p. 14) quando diz que a “escola é uma máquina antiquada” se refere a estes diferentes lugares, posicionamentos onde esta instituição se insere, entretanto, o processo reflexivo de docentes que somos, de pensarmos, refletirmos, discutirmos sobre a escola é o que a mantém, pois nestes tempos políticos de negacionismos de tudo, o lugar escola (que pode ser em qualquer lugar: via tela de *Google Meet*, link de *Youtube*, conversas de *WhatsApp* ou localizado em um endereço fixo) ainda é o espaço de discussão, problematização de todas as inquietações aqui levantadas, assim como o ambiente de resistência e insurgência de todas estas questões. Praticar o “artistar da educação” (CORAZZA, 2013, p. 17), tem sido um desafio diário, visto que os tópicos elucidados aqui, permeiam o antes e o depois de entramos em uma sala de aula. O durante, que é a parte mais fácil da docência é o instante de estarmos em Nárnia dialogando com estudantes, todavia, este conceito engloba muito mais que apenas este instante. Deste lugar, torna-se importante a definir que a docência, na visão de Laffin (2012, p. 212) é multifacetada, também instável e está sempre em construção.

Relações estas, que dialogam com o conceito de identidade, nas proposições de Hall (2006, p. 38) onde o autor destaca que “é algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Assim como, Pêcheux (2008) explica, que o sujeito é atravessado pela linguagem e pela historicidade e o singular, é que esses mecanismos formam o indivíduo, o interpelam e constituem os saberes universais. Não apenas sobre as atribuições da sua profissão, mas também de diversos outros saberes/conhecimentos provenientes de fontes variadas, como afirmam Tardif e Raymond (2000). Nessa assertiva, “essas práticas, mais do que reforçar o planejamento global da escola e o poder de decisão, sobrecarregam o

trabalho docente com tarefas e responsabilidades extras” (GARCIA, HYPÓLITO e VIEIRA, 2005, p. 52), e estes fatos têm sido silenciados, são não-ditos, mas estão presentes. Ser docente é estar ao lado de uma linha tênue, onde é preciso manter a sanidade mental, produzir insurgências, procurar pares, e lembrarmos de quem somos neste oceano social/acadêmico/pedagógico/político ao qual estamos inseridos.

CONCLUSÕES

Percebe-se no discurso do corpo docente, que os mesmos se inscrevem em um lugar “a escola”, que segundo Pêcheux (2008) as interpela por fatores sócio-históricos-ideológicos. A breve análise demonstra que, neste lugar, os/as docentes perpetuam dizeres, apresentando falas que declaram um mal-estar docente e precarização da docência. Políticas públicas são necessárias para minimizar estes resultados. A maioria destas vozes, ou seja, 75,44% dos respondentes, demonstra preocupações diante do retorno presencial em uma pandemia e também relata a sobrecarga de demandas burocráticas/educacionais. De modo geral, como apresenta o Quadro 1, se presentificam sentimentos como: insegurança, medo, apreensão e desconforto, assim como o conceito de ensino híbrido nas realidades investigadas, apresentam outra definição.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso; Ensino híbrido; Mal-estar docente; Ser docente.

REFERÊNCIAS

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação**. Porto Alegre – RS: Doisa, 2013. 228p.

GARCIA, M. M. A.; HYPOLITO, M. A.; VIEIRA, J. S. **As identidades docentes como fabricação da docência**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2005.

HALL, Stuart. **Identidades Culturais na pós modernidade**; tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 2006.

HORN. M; STAKER, H. **Blended**: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação. Porto Alegre: Penso Editora, 2015.

LAFFÍN. Maria Hermínia Lage Fernandes. **A constituição da docência na Educação de Jovens e Adultos**. Currículo sem Fronteiras, v. 12, n.1, p. 210-228, jan./abr., 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/laffin.pdf>. Acesso em: 20/07/2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 6. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ed. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2008.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Tradução de. Ribeiro, Vera. 2012. Contraponto, Rio de Janeiro. 224p.

SILVA, Renato Rodrigues da. **Uso das metodologias ativas no ensino da língua inglesa: um estudo de caso**, 2020. Orientador: Patrícia M. F. Coelho. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de São Paulo, 2020.

TIBURI, Márcia. **Delírios de poder: psicopoder e loucura coletiva na era da desinformação**. 1ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.